

O PENSAMENTO SOCIOLOGICO DE ÉMILE DURKHEIM E SEUS VÍNCULOS COM A EDUCAÇÃO

THE SOCIOLOGICAL THOUGHT OF ÉMILE DURKHEIM AND ITS LINKS TO
EDUCATION

Jenerton Arlan Schütz¹

Submetido em 18/12/2018

Aprovado em 12/02/2019

Revista Saberes e Sabores Educacionais

Revista do Curso de Pedagogia

Uceff – Campus Itapiranga

Vol. 5, 2018

ISSN 2359-263x

¹ Doutorando em Educação nas Ciências (UNIJUÍ). Mestre em Educação nas Ciências (UNIJUÍ). Email: jenerton.xitz@hotmail.com.

Resumo

O presente escrito objetiva analisar e compreender a concepção de educação à luz do pensamento sociológico de Émile Durkheim. Considera-se, desse modo, que a educação é um objeto privilegiado da Sociologia, uma vez que o ato de educar é, ao mesmo tempo, a base da conservação da ordem e o esteio de suas transformações. Inicialmente, apresenta-se um enfoque mais geral sobre algumas obras e abordagens de Durkheim, isso, no intuito de constituir os aspectos que compõem a perspectiva do autor; por conseguinte, tematiza-se a educação à luz do pensamento durkheimiano. Portanto, a proposta é demonstrar o movimento realizado por Durkheim no campo da Sociologia e a relação desta com o âmbito educacional e social. Em síntese, Durkheim nos alerta que a educação deve se preocupar em formar humanos comprometidos com a sociedade, com a durabilidade, continuidade e aprofundamento do mundo comum.

Palavras-chave: Educação. Sociologia. Émile Durkheim.

Abstract

This paper aims to analyze and understand the conception of education in the light of the sociological thinking of Emile Durkheim. It is considered, therefore, that education is a privileged object of Sociology, since the act of educating is, at the same time, the basis of the conservation of order and the mainstay of its transformations. Initially, is presented a more general approach on some works and approaches of Durkheim, in order to constitute the aspects that make up the perspective of the author; therefore, education is thematized in the light of Durkheim's thinking. Therefore, the proposal is to demonstrate the movement realized by Durkheim in the field of Sociology and the relation of this to the educational and social scope. In short, Durkheim warns us that education must be concerned with forming human beings committed to society, with the durability, continuity and deepening of the common world.

Keywords: Education. Sociology. Emile Durkheim.

Introdução

A Sociologia surgiu com o advento do moderno mundo industrial. Sua preocupação está em revelar as transformações que o capitalismo operou na vida econômica, política e cultural das cidades. O recado mais incisivo da sociologia é o de que não há nada natural neste mundo de mulheres e homens, nada que não seja uma construção coletiva, nenhuma ideia que se sustente solta no ar, sem que se possa associá-la ao nosso tempo ou ao modo de como fabricamos o nosso destino.

Durkheim (1978a) define o objeto de estudo da Sociologia como todo modo de agir, fixo ou não; suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então, ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que se possa ter.

Se podemos afirmar que a “educação é um processo social” (DURKHEIM, 1978a, p. 12), então, é nítido que ela é um objeto privilegiado da Sociologia. O ato de educar é, ao mesmo tempo, a base da conservação da ordem e o esteio de suas mais radicais transformações. Desta maneira, Durkheim está preocupado em observar as diferenças originárias e históricas das sociedades para, a partir dessa análise, pensar e estabelecer uma educação preocupada com a conservação e renovação da sociedade, de suas normas, valores, regras etc. É esse o papel das gerações mais velhas para com as gerações mais novas.

Para este pensador, não há possibilidade de mudar uma instituição que foi construída ao longo de um período histórico que comanda as necessidades da formação desta instituição, pois se isso acontecer, seria necessária uma mudança na própria estrutura desta sociedade, isso porque a educação não tem esse poder, uma vez que se aplica a estruturas já existentes, não sendo ela a criadora dessas estruturas, mas exatamente o oposto. Esta dificuldade se impõe porque na história a educação tem variada com o tempo e o meio em que participa. Cada período histórico tem a sua característica particular, o que inviabiliza a aplicação de um mesmo modelo pedagógico. Definitivamente, é impossível mudar os costumes que formam os sistemas de educação, pois, a educação será sempre o reflexo da sua sociedade.

Educar é, antes de tudo, para Durkheim (1978a), organizar as experiências dos indivíduos na vida diária, desenvolver a personalidade e garantir-lhes a convivência societária. As ações empreendidas com a finalidade de educar estão diretamente ligadas/relacionadas às normas sociais vigentes e aos valores compartilhados pelos indivíduos no contexto de determinada sociedade, determinada cultura e determinado tempo histórico. Se as regras do mundo social já estão prontas quando nascemos, a vida que vivemos nas relações com os outros nos convidam a mudá-las, e nós, de fato, nos colocamos a modificá-las, mesmo que não percebamos, mesmo que apenas as gerações seguintes sintam os efeitos da nossa intervenção.

Assim, para a Sociologia, não existe pedagogia neutra: todas elas são constituídas/construídas e utilizadas em meio a valores e normas, com o objetivo de conservar o *status quo* ou, então, de subvertê-lo. Olhar a educação sob o ponto de vista da

Sociologia, significa compreender que, por um lado, as pedagogias são fundamento das práticas educacionais, por outro, as crenças, os valores e as normas sociais são o fundamento das práticas pedagógicas.

Portanto, este estudo objetiva analisar e compreender a concepção de educação à luz das reflexões sociológicas de Émile Durkheim. Assim sendo, num primeiro momento, apresenta-se um enfoque mais geral sobre algumas obras e abordagens de Durkheim, isso, com o intuito de constituir e apresentar os elementos que compõem a perspectiva sociológica do autor; por conseguinte, tematiza-se a educação à luz do pensamento durkheimiano. Em síntese, a proposta é demonstrar o movimento realizado por Durkheim no campo da Sociologia e a relação desta com o âmbito educacional e social. Assim, a pergunta que orienta o presente escrito é: qual a importância e o papel da educação para Durkheim?

A Sociologia durkheimiana: apresentação de alguns elementos e abordagens

Émile Durkheim (1858 – 1917), francês, fortemente influenciado pelo cientificismo do século XIX, principalmente pela biologia, estava preocupado em encontrar uma delimitação clara do objeto e do método sociológico. A obra de Durkheim reflete, em grande medida, os problemas de seu tempo. Viveu no período que vai da segunda metade do século XIX até o final da Primeira Grande Guerra (1914 – 1918), foi contemporâneo de inúmeros acontecimentos históricos significativos do período.

Durkheim se propôs a construir a Sociologia como uma ciência autônoma, que deveria analisar a sociedade cientificamente, com racionalidade e objetividade. Procurou conhecer cientificamente a sociedade, com o intuito de que o conhecimento da ciência esclarecesse sobre intervenções necessárias na realidade social. Pretendendo garantir à Sociologia o caráter rigoroso e objetivo, sugere que:

O sociólogo se coloque num estado de espírito semelhante ao dos físicos, químicos, fisiologistas, quando se aventuram numa região ainda inexplorada de seu domínio científico. É necessário que ao penetrar no mundo social, tenha ele consciência de que penetra no desconhecido; é necessário que se sinta em presença de fatos cujas

leis são tão desconhecidas quanto o eram as da existência antes da constituição da biologia (DURKHEIM, 1978b, XXIII).

Ademais, Durkheim propõe que se dê aos fatos sociais o mesmo tratamento objetivo dado aos fenômenos físicos. A proposta metodológica de Durkheim invoca a necessidade do estudo dos fatos concretos, da investigação empírica, e se inscreve na linha metodológica da abordagem racionalista positivista, que segundo Löwy (1994), fundamenta-se em três princípios:

- a. de que a sociedade é regida por leis naturais;
- b. de que a sociedade pode ser estudada pelos mesmos métodos das ciências da natureza;
- c. de que as ciências da sociedade, assim como as da natureza devem limitar-se à análise e observação dos fenômenos, de forma neutra, objetiva, livre de julgamentos de valor, livre de pré-noções.

Em 1893, Durkheim publicou a sua primeira grande obra sociológica, *A divisão do Trabalho Social*, na qual, estabelece o objeto de estudo da Sociologia; em 1895, publicou *As Regras do Método Sociológico*, em que lança as bases metodológicas da nova ciência; e, em 1897, *O Suicídio*, em que procurou aplicar o método sugerido, numa monografia considerada modelo de pesquisa social, com a utilização da estatística como recurso metodológico.

Nesta última (*O Suicídio*), Durkheim compara as taxas de suicídio dentro de uma mesma sociedade e entre países diferentes da Europa. Compara as taxas de suicídio com as taxas de homicídios. Observa a correspondência entre as taxas de suicídio e as várias estações do ano, os vários dias da semana e as horas do dia. Nessa direção, o autor estabelece relações entre o suicídio, o estado civil, a idade, a religião e a profissão. Classifica os tipos de suicídio em: o egoísta, o altruísta e o anômico. Depois disso, formula uma explicação social, com base na análise dos dados, para o aumento do suicídio na França, a partir do período estudado. Assim, no estudo sobre o suicídio, há um comportamento humano, geralmente, atribuído a fatores psicológicos, meramente individuais. Durkheim buscou demonstrar que o suicídio é um fenômeno provocado por causas sociais, associadas a fatores de ordem individual.

Nesta obra, Durkheim concluiu que os diferentes tipos de suicídio tinham uma vinculação com a integração do indivíduo no seio da sociedade. Quando o indivíduo permanecia isolado, sem vínculo social, o suicídio era do tipo egoísta; quando era profundamente integrado, o suicídio era altruísta (morrer por uma causa); e quando os laços sociais que unem os indivíduos entre si estavam em desintegração, o suicídio era do tipo anômico (sintoma de uma crise moral da sociedade).

Nessa direção, na obra *A divisão do trabalho social*, Durkheim passou a considerar os casos em que a divisão do trabalho não produziu a solidariedade como anomia. A anomia foi conceituada nessa obra, sobretudo, como carência de regulamentação social, ou melhor, a ausência de regras. Os exemplos dados referem-se principalmente às crises econômicas e conflitos capital-trabalho, conflitos entre patrões e empregados. Durkheim atribui essa crise moral às mudanças rápidas e incessantes ocorridas na sociedade do final do século XIX e ao descompasso entre o avanço material e as normas morais e jurídicas. Todavia, acreditava na melhoria das comunicações que favorecessem a cooperação e o retorno à normalidade social, sugerindo, para esse fim, a formação de corporações profissionais.

A postura metodológica de Durkheim, racionalista e positivista, classifica-se também numa abordagem funcionalista, ou seja, trata a sociedade como um sistema, em que as instituições desempenham funções que contribuem para manutenção de uma determinada ordem social. A sociedade é um organismo vivo, cada instituição (órgão, parte) possui uma função específica, contudo, a junção das instituições possibilita o funcionamento coerente e durável, contudo, se alguma parte não realizar a sua função ou deixar de funcionar de forma coesa, o organismo todo será afetado e prejudicado.

Em 1898, Durkheim criou a *Revista L'Année Sociologique*, um espaço para as publicações de colaboradores da Escola Sociológica Francesa. Em 1912 publicou *As formas elementares da vida religiosa*. Além dessas obras, após sua morte, foram editadas em 1922, *Educação e Sociologia*; em 1924, *Sociologia e Filosofia*; em 1925, *A Educação Moral*; em 1928, *O Socialismo*. Este conjunto das principais obras de Durkheim forneceram elementos decisivos para a constituição da Sociologia como ciência e para a compreensão da vida social, na tradição estabelecida de pesquisas concretas.

Durkheim, em toda sua obra, deixa transparecer a sua dupla preocupação: com a questão teórico-metodológica da Sociologia, seu objeto de estudo e método, e com a questão social. Tanto que o problema do suicídio está estreitamente ligado ao seu estudo sobre a divisão do trabalho social, em que considera a diferenciação social das sociedades modernas um fenômeno normal, um fator de integração social, ao mesmo tempo que constata problemas, que são relatados na parte final de seus dois livros. Esses problemas seriam resultantes da própria organização social: “crise econômica, inadaptação dos trabalhadores a suas ocupações, violência das reivindicações dos indivíduos com relação à coletividade; e ausência ou desintegração das normas” (ARON, 1997, p. 307). Tais fenômenos são patológicos, segundo a própria terminologia de Durkheim.

Na obra *As Regras do Método Sociológico*, Durkheim (1978b) faz uma analogia entre as doenças do organismo biológico, as doenças do organismo social e sugere que a observação dos fatos com critérios objetivos poderia levar a ciência sociológica a “esclarecer a prática”, distinguindo “a saúde da doença”, devendo, também, sugerir mudanças e promover um aperfeiçoamento da sociedade, em caso de necessidade. Em suma, a Sociologia poderia dar os fundamentos para as reformas sociais.

Para Durkheim (1978b), um fenômeno, mesmo quando agride os preceitos morais, pode ser considerado normal, desde que encontrado na sociedade de forma generalizada e, desde que não coloque em risco a integração social. Considerou, neste caso, o crime como um fenômeno normal: (i) porque “o crime é encontrado em todas as sociedades de todos os tipos”. Portanto, é um fenômeno que é geral na extensão de uma sociedade, num determinado momento do seu desenvolvimento. (ii) é útil à sociedade, na medida que, a transgressão cometida conduz a um fortalecimento dos valores feridos, por lembrar o quanto é repudiada.

Durkheim faz uma leitura conservadora da crise social de seu tempo, acreditando ser provocada pelo desregramento, que seria resolvida com a formação de instituições públicas capazes de se impor aos membros da sociedade, e eliminar os conflitos. Nesse sentido, Durkheim nunca utiliza em suas análises uma teoria das classes sociais e, de fato, se opõe às teorias socialistas e aos seus fundamentos explicativos.

Suas ideias transpuseram as fronteiras, influenciando gerações de políticos, pesquisadores e também educadores. Para poder compreender o papel que Émile Durkheim designa para a Sociologia, é necessário, antes, compreender sua noção de Sociologia a partir de seu elemento fundamental, de sua unidade básica de análise: o fato social.

Segundo Rodrigues (2011, p.19), considera que os “[...] fatos sociais são justamente aqueles modos de agir que exercem sobre o indivíduo uma *coerção exterior*, e que apresentam uma existência própria, independente das manifestações individuais que possam ter”. A segunda característica que distingue os fatos sociais dos demais fatos que ocorrem na sociedade é a “coerção” (DURKHEIM, 1978a).

Em suma, a *primeira* característica diz respeito aos os fatos sociais existirem fora do indivíduo, isto é, já existiam antes de seu nascimento e atuam sobre ele, independentemente de sua vontade ou de sua adesão consciente. A *segunda* característica é a coercitividade decorrente da coerção social ou força que esses fatos exercem sobre os indivíduos, levando-os a agirem de acordo com as regras estabelecidas pela sociedade em que vivem. Por exemplo, ninguém é obrigado por lei a usar a língua falada no país, mas todos são coagidos a usá-la por necessidade, para que consigam se comunicar e conviver na sociedade. O grau de coerção dos fatos sociais torna-se evidente pelas sanções a que o indivíduo está sujeito quando não segue as determinações sociais.

Esses tipos de condutas, e outras mais, são exteriores ao indivíduo, se impõem a todos e são comuns a todos de uma sociedade. Durkheim identifica nos fatos sociais três tipos de características: a exterioridade, a coercitividade e a generalidade. A *terceira* característica é a generalidade, que é percebida pelo grau de difusão das crenças, das tendências, das práticas do grupo pelo conjunto da sociedade. Desse modo, o fato, para ser social, além de ser exterior ao indivíduo, deve exercer um poder imperativo e coercitivo sobre os indivíduos. É o caso das crenças religiosas, políticas, dos deveres dos pais, dos deveres dos cônjuges, das modas, dos preceitos profissionais, etc. Para Durkheim, a Sociologia é, assim, a ciência que se ocupa dos fatos sociais.

Portanto, há uma ordem de fatos que apresentam características muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele. O que se

deve salientar e que não foi claramente colocado por Durkheim, é o de que os fatos sociais existem fora dos indivíduos, mas são interiorizados, passando a existir em suas consciências; e que só são externos no sentido de que lhes foram transmitidos socialmente.

Desse modo, o fato social é toda a maneira de fazer, suscetível de exercer uma coerção externa sobre o indivíduo, como a moda, o casamento, as correntes de opinião, as estruturas etc. Porém, é necessário que se compreenda e reconheça o fenômeno social, porque ele impõe aos indivíduos, ou seja, “[...] os fatos sociais exercem coerção sobre os comportamentos individuais” (RODRIGUES, 2011, p.20).

Nessa direção, gostaríamos de usar como exemplo o “crime”, pois, sabemos que o crime

[...] é reconhecido como tal porque é de conhecimentos coletivo que todo crime suscita uma sanção, que deve ser punido pelas regras que a sociedade estabelece (no caso, pelas leis jurídicas). A lei estabelece punição porque o crime fere a consciência coletiva, contradiz as convicções mais vivas e profundamente compartilhadas. [...] Se existem regras sociais que preveem o que será e o que não será crime é porque o crime é algo normal (RODRIGUES, 2011, p.20).

Assim, o crime é um fato social, pois a lei prevê a sua punição. Os fatos sociais o são não só porque estes são normais, mas porque são percebidos como fatos sociais pelos membros da sociedade e porque exercem alguma pressão sobre os indivíduos, alguma coerção, alguma obrigatoriedade. Portanto, não basta dizer que os homens estão inseridos na sociedade e cercados de fatos sociais. O recado de Durkheim é mais complexo, conforme Rodrigues, Durkheim nos lembra que “a sociedade está na cabeça dos homens e das mulheres, de todos e de cada um (RODRIGUES, 2011, p. 20).

Entre as fontes bibliográficas pesquisadas, constatamos que Durkheim formulou que em cada um de nós existem dois indivíduos: um ser individual e um ser social. O *primeiro* contém os estados mentais, referentes a nós mesmos e a nossa vida pessoal, que só se relaciona consigo mesmo. O *segundo* é um sistema de ideias, sentimentos, hábitos, crenças, práticas morais, tradições, etc. Já o ser social, assim como o nome nos diz, é socialmente construído, não externa nossa personalidade, mas sim nossa socialização, nosso grupo

pertencente, como por exemplo, as crenças religiosas, as práticas morais, as leis, as tradições, as opiniões coletivas.

Ademais, o ser social não nasce conosco, nem se forma por nossa livre e espontânea vontade, pois o homem naturalmente não se subordinaria a questões que não o agradassem, ou que o fizessem sofrer, porém foi na relação social e ao decorrer de nossa evolução que adquirimos esse ser social. Segundo Durkheim (1978a), o homem criou essa formação social, que deve ser mantida para que haja uma harmonia entre os homens.

A educação à luz do pensamento durkheimiano

A partir das tematizações anteriores, já possuímos alguns elementos para responder a questão central deste escrito, a saber: “Qual a importância e o papel da educação nas reflexões de Durkheim?”. Não obstante, podemos considerar que a preocupação de Durkheim para com a educação é a de que esta tem por objetivo formar um ser social, transmitir os ensinamentos morais cultivados em nossa história, que não se dão pela hereditariedade. Segundo Durkheim (1978a, p. 38), “para que haja educação, faz-se mister que haja, em face de uma geração de adultos, uma geração de indivíduos jovens, crianças e adolescentes; e que uma ação seja exercida pela primeira, sobre a segunda”. Assim sendo, Durkheim (1978a) compreende que a educação é uma poderosa ferramenta para construir, de forma gradativa, uma moral coletiva.

Contudo, poderíamos considerar que uma educação racional deveria reprovar tais procedimentos e deixar a criança proceder com toda a liberdade. Ora, o que torna estes últimos particularmente instrutivos é que a educação tem justamente por objeto produzir o ser social. Pode-se ver nela, como que resumidamente, de que modo esse ser se constituiu na história. Essa pressão de todos os instantes que sofre a criança é a pressão mesma do meio social que tende a modelá-la à sua imagem e do qual os pais e os mestres não são senão os representantes e os intermediários.

Nessa direção, “a educação não se limita a desenvolver o organismo, no sentido indicado pela natureza, a tornar tangíveis os germes, ainda não revelados, à procura de oportunidade para isso. Ela cria, no homem, um ser novo” (DURKHEIM, 1978a, p. 68). Para Durkheim, a educação é social, os homens, por si só, não sentem a necessidade da

educação, pois assim como os animais eles podem viver e satisfazer suas necessidades biológicas apenas com o instinto. Por isso, “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação” (KANT, 1999, p. 15), é esse o motivo que leva uma geração a educar a outra.

Por isso, podemos afirmar que por meio da socialização que se despertou a sede de conhecimentos, pois essa socialização se tornou tão complexa que houve a necessidade de reflexão, pensamento, organização.

Como a vida escolar não é senão o germe da vida social – os principais processos pelos quais uma funciona devem ser encontrados na outra. Pode-se, pois, esperar que a sociologia, ciência das instituições sociais, nos auxilie a compreender melhor o que são as instituições pedagógicas e a conjecturar o que devam ser elas, para melhor resultado do próprio trabalho (DURKHEIM, 1978a, p.72).

Ora, não fomos nós, segundo Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007) que criamos os costumes e ideias que determinam o tipo de educação, estes são o produto da vida em comum e exprimem suas necessidades. São, em grande medida, obra das gerações anteriores a nós. Logo, a educação “deve conduzir-nos a ultrapassar a natureza individual: só sob esta condição, a criança tornar-se-á um homem. Ora, não podemos elevarmo-nos acima de nós mesmo, senão por esforço mais ou menos penoso” (DURKHEIM, 1978a, p. 42).

Aprender a ser um engenheiro, para Durkheim, não é simplesmente aprender a fazer plantas ou calcular volumes de concreto. Assim como aprender a ser médico não se limita a aprender a cortar barrigas ou serrar ossos. Aprender a ser médico ou engenheiro significa aprender a agir na vida como médico ou engenheiro, a relacionar-se com os outros a partir desta ou daquela profissão. Significa aprender a agir como a sociedade espera que um médico e um engenheiro ajam (RODRIGUES, 2011, p. 28).

Para Durkheim, a educação é essencialmente o processo pelo qual aprendemos a ser membros da sociedade. Educação é socialização. Por isso, é ilusão querer acreditar que podemos educar nossos filhos como queremos (DURKHEIM, 1978a), pois, existem

crenças, valores, costumes, regras que devem ser obrigatoriamente transmitidos no processo educacional, gostemos deles ou não.

Isto significa dizer que, para Durkheim, a educação não é outra coisa senão um esforço contínuo para impor aos indivíduos em geral, mas particularmente às crianças, maneiras de agir, de pensar e de sentir que se encontram instituídas na exterioridade das consciências individuais, isto é, na consciência coletiva (SILVA, 2005, p. 10).

Durkheim (1978a) recorre à “observação histórica” para afirmar que cada sociedade, considerada num momento determinado de seu desenvolvimento, tem um sistema de educação que se impõe aos indivíduos. Cada sociedade fixa um certo “ideal do homem”, do que ele deve ser, do ponto de vista intelectual, físico e moral, sendo esse ideal o próprio polo que norteia a educação. Assim, segundo Filloux (2010, p.15), “a educação perpetua e reforça essa homogeneidade, fixando, antecipadamente, na alma da criança, as alianças fundamentais exigidas pela vida coletiva”.

Nesse sentido, por meio da educação o ser humano passa de *ser individual* para *ser social*. Do mesmo modo, podemos compreender que a educação é uma ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que não estão ainda maduras para a vida social, para a esfera pública. A educação se opera desde o nascimento, na família, porém, é na escola que passa a ser sistematizada, de modo que a escola se torna um lugar central da continuidade social, quando se trata da transmissão dos valores, das normas e dos saberes (DURKHEIM, 1978a).

Convém, entretanto, lembrar as grandes linhas do modelo durkheimiano. Neste, a noção de “consciência coletiva” é central. Uma sociedade é feita de indivíduos que conseguem viver juntos porque têm em comum valores e regras, parcialmente transmitidos pela escola.

Para Durkheim (1978a, p. 122),

Um sistema escolar, qualquer que seja, é formado por duas espécies de elementos. De um lado, há todo um conjunto de disposições definidas e estáveis, de métodos estabelecidos, ou seja, em uma palavra, de instituições; mas, ao mesmo tempo, dentro da máquina

assim constituída, há ideias que a trabalham e que a solicitam para que mude. Visto do lado de fora, o ensino secundário apresenta-se a nós como um conjunto de estabelecimentos, cuja organização material e moral está determinada; mas, de outro lado, essa mesma organização abriga em si aspirações em busca de algo. Sob essa vida fixada, consolidada, há uma vida em movimento que, por estar mais escondida, nem por isso deve ser tratada com negligência.

Assim, para que a educação possa ainda firmar essa coletividade, homogeneidade social, Durkheim apresenta o conceito de solidariedade, que se divide em dois: a solidariedade mecânica e a orgânica.

Na solidariedade mecânica os homens estão unidos a partir da semelhança de valores expressos na religião, tradição ou sentimento comum. Este é um tipo de solidariedade à qual a sociedade tem coerência porque os indivíduos ainda não se diferenciam. A solidariedade orgânica, por sua vez, é diferente da solidariedade mecânica. Solidariedade orgânica é aquela em que o consenso resulta de uma diferenciação, ou se exprime por seu intermédio. Dentro desta concepção, os homens não se assemelham, sendo diferentes entre si. A união desses homens só é possível a partir da dependência que um tem do outro para realizar alguma atividade social (DURKHEIM, 1999).

Portanto, como já supracitado, a educação tem tudo a ver com socialização. Ela tem uma dimensão geral, algo que todos indivíduos sem distinção precisam aprender, e algo específico, coisas que a criança ou o jovem aprendem como parte de sua integração num ambiente social determinado. Conforme Durkheim (1978a, p. 60), “estamos mergulhados numa atmosfera de idéias e de sentimentos coletivos que não podemos modificar à vontade; e é sobre idéias e sentimentos desse gênero que repousam as práticas educativas”.

Por outro lado,

[...] todas as práticas educativas, quaisquer que possam ser e qualquer que seja a diferença que entre si demonstrem, apresentam um caráter comum e essencial: resultam todas da ação exercida por uma geração sobre a geração seguinte, com o fim de adaptá-la ao meio social em que esta última está chamada a viver! (DURKHEIM, 1978a, p. 60).

Com efeito, a educação é para a sociedade o meio pela qual ela prepara, no íntimo das crianças, as condições essenciais da própria existência. A criança pertence ao domínio das paixões e habita entre os selvagens. Entre ela e os adultos normais há o fosso da mais radical dicotomia e polarização. Há que sufocar e cortar a sua curiosidade, sua mobilidade, vivacidade e imaginação (muito comum nas escolas hodiernamente). Há que instigar a obediência que o dispositivo pedagógico transformará em espírito de disciplina. Suas tendências serão vigiadas, medidas, avaliadas, instigadas e fortalecidas aos moldes do adulto civilizado.

A educação tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamamos pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio moral a que a criança, particularmente, se destine (DURKHEIM, 1978a). A educação, portanto, representa aquilo que há de melhor no humano, edifica o que há em nós de propriamente humano. Dito de outro modo, “o homem que a educação deve realizar, em cada um de nós, não é o homem que a natureza fez, mas o homem que a sociedade quer que ele seja [...]” (DURKHEIM, 1978a, p. 81).

Nessa direção, percebe-se que teoria da educação de Durkheim se inspira em uma concepção de homem. O homem é dominado pelo egoísmo natural, animado de desejos infinitos, tendo necessidade, portanto, de ser disciplinado. Analogamente, poderíamos citar Kant (1999, p. 25) para considerar que ser disciplinado na educação significa: “[...] procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria”. Isso apenas é possível e necessário aos humanos, pois inclinamos à liberdade, uma vez que os animais, pelo contrário, não necessitam da disciplina, em virtude do seu instinto e pelo fato de não aprenderem de seus antepassados, pois suas condições já são definidas e dadas previamente. Dito de outro modo, “os animais cumprem o seu destino espontaneamente e sem saber. O homem, pelo contrário, é obrigado a tentar conseguir o seu fim; o que ele não pode fazer sem antes ter dele um conceito” (KANT, 1999, p. 18). Por isso, só o humano tem a necessidade de cuidados e formação.

Ademais, é o processo de educação que nos permite viver em sociedade, “[...] é isso que permite que a sociedade viva em nós e é isso que permite à sociedade continuar viva:

sermos iguais e diferentes ao mesmo tempo” (RODRIGUES, 2011, p.29). É a educação que nos faz assim, e é por isso que a educação é sempre um processo social. É isso que permite, ainda, que o legado histórico e cultural possa ser conservado e acrescido. Conserva-se aquilo que se considera digno de não ser esquecido, aquilo que merece ser apresentado às novas gerações, a saber, a história humana, os feitos, as barbáries, as conquistas etc. É a conservação que possibilita aos novos não iniciarem da estaca zero, somente a partir do contato com o legado humano que os novos poderão renovar e acrescentar aspectos e histórias no mundo humano.

Importa destacar, ainda, que Durkheim (1978a) defende uma educação pública, mesmo que existindo uma iniciativa privada, esta conviveria com uma intervenção do Estado, apenas enquanto representante e vigilante da moral de que a sociedade é autora. O Estado tem importante papel na educação. Se a educação se apresenta como função coletiva, se tem por fim adaptar a criança ao meio social para a qual se destina, é impossível que a sociedade se desinteresse pelo seu trabalho. Se a sociedade não estiver sempre presente e vigilante, para obrigar a ação pedagógica a exercer-se em sentido social, essa se porá ao serviço de interesses particulares e a grande alma da pátria se dividirá, esfacelando-se numa multidão incoerente de pequenas almas fragmentárias, em conflito uma com as outras. É assim que Durkheim afirma que é preciso que a educação assegure uma comunidade de ideias e sentimentos, sem a qual nenhuma sociedade sobrevive.

Este Estado, além disso, deve zelar pela qualidade da mensagem da sociedade na formação do novo homem, não assumindo o papel de idealizador das formas da moral, mas sim o de fiscalizar os professores e os sistemas para que nenhum personalismo proíba que a nova geração saia da ignorância e do egoísmo para uma vida social plena de riquezas morais e princípios valorizados pela sociedade saudável.

É necessário, então, que o espaço esteja vazio, pela ação do educador, para que este possa inculcar na criança todos os preceitos de um Outro, que é a expectativa da sociedade civilizada, pois a criança não sabe amar o convívio social pelas suas limitações, e assim a educação permite, amorosamente, a inserção deste novo homem, desta alteridade, depois de corretamente educado e moralizado.

Do mesmo modo, Durkheim nega a moral religiosa que se apresentava como parâmetro de conduta até o início da modernidade, e esclarece que a moral laica é que pode revelar a qualidade exata da formação do novo homem, mesmo porque a religião fora criada pela sociedade. É esse Outro encarnado que, com sua moral social, irá controlar, no processo pedagógico, que o ser individual se submeta ao interesse da coletividade em que está inserido, e passe a trabalhar para a manutenção dessa moral.

É curioso entender como Durkheim e seus contemporâneos entendiam a forma de cativar a atenção dos alunos neste trabalho de moralização, e assim transmitir da melhor maneira os atributos dessa moral laica, a salvadora e constituidora da verdadeira sociedade civilizada. Todo o processo educacional foi, então, comparado com a técnica da hipnose que, no contexto da época, era uma forma conceituada de resolver os mais variados problemas e assumia ares milagrosos. O educador deveria assumir a atitude de um hipnotizador, expressando sua autoridade sem titubeios, e magnetizando os alunos com sua postura moral inquebrantável. Essa postura irreduzível transmitiria a força insubstituível da moral racional da sociedade moderna, que estava crescendo a todo vapor, literalmente.

Conforme Durkheim (1978a, p. 52),

A sugestão hipnótica supõe duas condições: 1) o estado em que se encontra o sujeito hipnotizado caracteriza-se pela sua excepcional passividade. O estado de espírito está quase reduzido ao estado de tábua rasa; uma espécie de vazio. Assim, a idéia sugerida, não encontrando nenhuma idéia contrária, pode instalar-se com um mínimo de resistência. 2) Entretanto, como o vazio nunca é absoluto, é necessário que a idéia sugerida tenha ela própria uma força de ação particular. Para isso, é necessário que o hipnotizador fale num tom de comando, com autoridade. Quanto mais a sugestão vai contra o temperamento natural do hipnotizado, mais o tom imperativo será indispensável. [...] Se o hipnotizador vacilar, ver-se-á o sujeito hesitar, resistir, às vezes mesmo recusar-se a obedecer.

Do mesmo modo, para Durkheim (1978a, p. 53),

1) a criança está naturalmente num estado de passividade [...]. Sua consciência contém apenas pequeno número de representações capazes de lutar contra aquelas que lhe são sugeridas. É também facilmente sugestionável. Está muito acessível ao contágio do

exemplo, muito inclinada para a imitação. 2) O ascendente que o professor tem sobre o seu aluno, na seqüência da superioridade da sua experiência e da sua cultura, dará à sua ação a força eficaz que lhe é necessária.

Desta maneira, o professor seria uma fonte de desejo, pois os alunos buscariam adquirir a moral que o próprio mestre encerra, e depois buscariam o próprio âmago do bem social, sublimando ao máximo a sua participação no todo da experiência coletiva, servindo a um fim superior a ele e a todos os outros indivíduos, autonomamente, perfeitamente disciplinado e enquadrado, e por isso, disciplinando e enquadrando.

Portanto, a educação defendida por Durkheim é uma educação preocupada com a durabilidade, continuidade e aprofundamento da sociedade e do mundo comum. Uma educação preocupada com a coletividade, com a possibilidade de vivermos mutuamente, na pluralidade. Isso só é possível quando a geração mais velha se responsabiliza pelas novas gerações. Essa responsabilização, para o autor, tomaria a forma de autoridade, justamente, a mesma ideia compartilhada por Arendt (2013), quando a autora considera que a autoridade do professor não é arbitrária e não se origina em sua pessoa, mas nos saberes, valores e princípios do mundo comum (sociedade) e da instituição escolar que ele apresenta.

Considerações Finais

Vimos que a preocupação de Durkheim era a de demonstrar que a Sociologia se constituía numa disciplina autônoma. Afirmando que esta possui o seu próprio campo de aplicação (a sociedade), grosso modo, as suas obras ilustram o esforço em mostrar que a Sociologia tinha seu objeto de estudo, bem como os métodos próprios.

Pode-se dizer que Durkheim apresentava uma posição metodológica estritamente sociológica, à medida em que seu principal interesse foi o de destacar a especificidade do social. Nisto implica sua teoria sociológica expressada a partir de suas obras. Em Da divisão do trabalho social, ele procurou demonstrar a explicação de um fato social (a divisão do trabalho) por outro fato social (o volume e a densidade das sociedades), tendo como problema central a passagem (e a evolução) da solidariedade mecânica à solidariedade orgânica.

Em As regras do método sociológico, Durkheim considera que os sociólogos pouco se preocuparam em caracterizar e definir o método próprio à explicação dos fenômenos sociais, ele foi levado a elaborar um método próprio à Sociologia, o qual considerava mais definido e mais adaptado para serem utilizados pelos sociólogos, quando estes fossem desenvolver um estudo sociológico. Em síntese, as características do método sociológico são: i) ele é independente de toda filosofia; ii) ele é objetivo, isto é, ele é inteiramente dominado pela ideia de que os fatos sociais são coisas e como tais devem ser tratados. iii) é característico do método sociológico durkheimiano o de ser exclusivamente sociológico.

Diante desse panorama, pode-se dizer que Durkheim ocupa lugar de relevo na Sociologia, sendo tratado com sumo respeito pelos sociólogos, porque a sua obra sociológica marcou a etapa mais decisiva na consolidação acadêmica da Sociologia, como um novo campo do saber. Assim, são de grande importância as contribuições de Durkheim para a metodologia das Ciências Sociais.

Nessa direção, as teorizações de Durkheim sobre a educação são fundamentais. Para o autor, a educação possui uma função essencial, a saber, é ela que irá ensinar aos indivíduos (aos recém-chegados) os conhecimentos acumulados pela sociedade ao longo do tempo. Em nosso sistema de educação atual, a criança começa a frequentar as instituições escolares desde os primeiros meses de vida e permanece até os 17 anos de idade, isso porque espera-se que sejam cumpridas todas as etapas (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio), além disso, há a possibilidade de continuar e aprofundar os estudos no Ensino Superior. Nesse tempo, podemos afirmar que é a escola que irá formar o aluno para cumprir o seu papel social, de cidadão, inserindo-o nas regras e normas morais, com o intuito de conviver em sociedade e concomitantemente desenvolvendo suas melhores capacidades e habilidades.

Nesse contexto, torna-se evidente a responsabilidade atribuída à profissão docente, haja vista que é este o responsável pela transmissão do legado histórica e culturalmente produzido pela humanidade, além de desenvolver habilidades que contribuirão para o seu agir na sociedade. Essa cobrança é feita cotidianamente nas escolas pelos pais dos alunos e pela sociedade em geral, a fim de que ocorra o crescimento individual e a evolução social.

Como vimos, para Durkheim, sem a educação as crianças não fariam senão reproduzir um traço das sociedades primitivas. Como os selvagens, as crianças estão sob o domínio das paixões que as torna impotentes à contenção. É preciso constituir, por meio da educação, os estágios originais que não estão formados nas crianças. A criança pertence ao domínio das paixões e habita entre os selvagens.

Portanto, a disciplina não visa estimular na criança o desejo de instruir-se, nem é um procedimento voltado para poupar forças do educador. Sua verdadeira função é atuar como um instrumento moral. A moralidade da classe depende da firmeza do mestre, e uma classe indisciplinada é um perigo moral, uma vez que a efervescência é coletiva. A complacência com a fraqueza infantil esquece que as crianças são as primeiras a sentirem-se bem com uma boa disciplina porque, como os povos, são felizes quando se sentem bem governadas.

A teoria da educação de Durkheim se inspira em uma concepção de homem. O homem é dominado pelo egoísmo natural, animado de desejos infinitos, tendo necessidade, portanto, de ser disciplinado. Na obra *Educação e Sociologia* (1978a), Durkheim considera que para aprender a conter o egoísmo natural, subordiná-lo a fins mais altos, submeter os desejos ao império da vontade, conformá-los com justos limites, é preciso que o educando exerça sobre si mesmo grande trabalho de contenção. A educação consiste em habituar os indivíduos a uma disciplina. Formar os indivíduos, tendo em vista a integração na sociedade, é torná-los conscientes das normas que devem orientar a conduta de cada um e do valor imanente e transcendente das coletividades que cada homem pertence ou deverá pertencer. Motivo este que a educação busca criar no homem um ser novo.

A educação satisfaz, antes de tudo, as necessidades sociais. Se os indivíduos só agem segundo as necessidades sociais, conforme considera Durkheim, então podemos afirmar que parece que a sociedade impõe aos homens uma “insuportável” submissão. Contudo, os homens são interessados nessa submissão; porque o ser novo que a ação coletiva busca, por intermédio da educação, edifica e representa o que há de melhor e mais humano nos homens.

Há, nessa perspectiva, o desejo de melhorar a sociedade e de o indivíduo melhorar a si mesmo. A ação exercida pela educação não tem por objeto comprimir o indivíduo, amesquinhá-lo, desnaturá-lo, mas ao contrário, engrandecê-lo e torná-lo humano. Afinal, “o

homem não pode tornar-se verdadeiro homem senão pela educação” (KANT, 1999, p. 15). As reflexões durkheimianas sobre a educação nos oferecem elementos para pensar a importância, em termos da formação, dos homens do presente para um futuro humano, mais justo, solidário, coletivo, plural, menos desigual, excludente e egocêntrico. Se responsabilizar pelas novas gerações e pela sociedade humana condiz com a especificidade da educação. Afinal, é isso que nos torna humanos, habitantes de um mundo humano.

Referências

- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ARON, R. **As Etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J-C.; PASSERON, J-C. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Tradução de Guilherme João Freitas Teixeira. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. Tradução de Lourenço Filho. 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978a.
- _____. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978b.
- _____. **Da divisão do trabalho social**. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **O Suicídio**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- FILLOUX, J-C. **Émile Durkheim**. Tradução de Celso do P. F. de Carvalho e Miguel H. Russo. Recife: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).
- KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco C. Fontanella. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.
- LÖWY, M. **As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**. São Paulo: Cortez, 1994.
- RODRIGUES, A. T. **Sociologia da educação**. 6.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SILVA, J. O. da. **A educação como fator de integração social na sociologia de Émile Durkheim.** 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. UNIOESTE: Cascavel, 2005.